

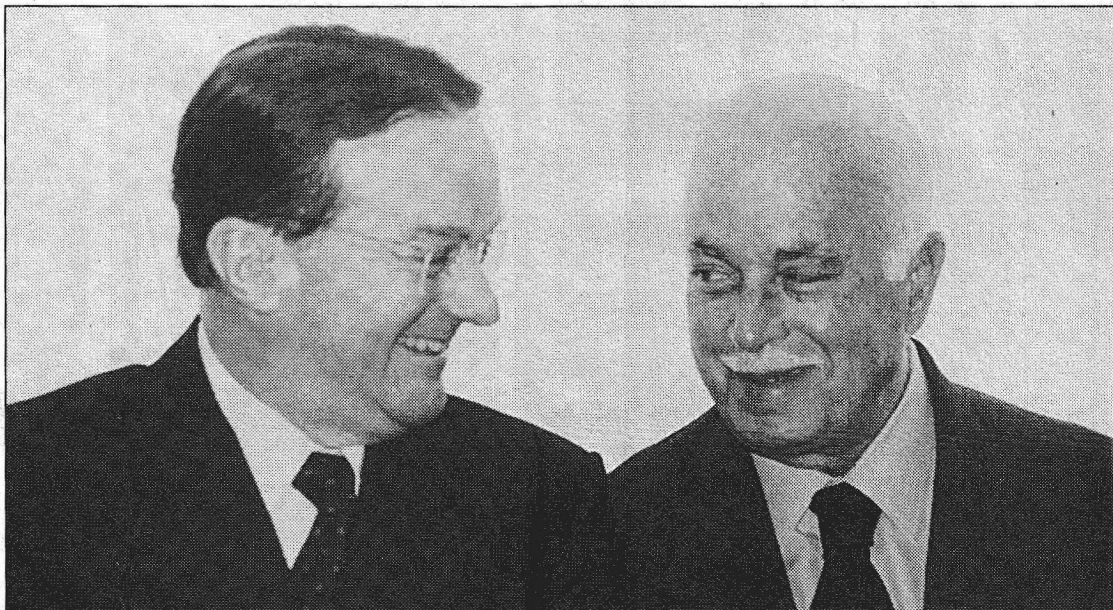
De olho em 2002 PFL adere a teses democratas-cristãs

Partido quer afastar a imagem de neoliberal, que está em declínio, e começa a adequar o seu programa para a realidade brasileira

O PFL quer afastar de vez a imagem neoliberal. A estratégia agora é aderir à linguagem dos democratas cristãos. A mudança vem sendo feita de olhos bem abertos na sucessão presidencial de 2002. Fica para trás a defesa incondicional das privatizações. O nome continua o mesmo - Partido da Frente Liberal - mas aparecem bandeiras como o combate à pobreza. Esse movimento será efetivado nas próximas semanas, quando os pefelistas oficializam sua saída da Internacional Liberal para se juntar à Internacional Demócrata Cristã (IDC).

“O modelo da Internacional Liberal está em franco declínio, prega a globalização e a eficiência, mas não cuida dos excluídos e desempregados”, explicou o senador José Agripino Maia (RN), que nesta semana viaja ao México para uma reunião da Organização Demócrata Cristã da América (ODCA), braço latino-americano da IDC, na qual o PFL já está cadastrado como observador.

O partido vem planejando a troca há alguns anos em conver-



Bornhausen e Antonio Carlos querem preparar o PFL para a sucessão de Fernando Henrique

sas com o Partido Popular (PP) da Espanha. O primeiro contato foi com o primeiro ministro da Espanha José Maria Aznar, maior representante da democracia cristã na Europa. Aznar acabou com o “reinado” de mais de dez anos de Felipe González e seu Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), que governaram de 1982 a 1997 com uma receita liberal muito parecida com as reformas do presidente Fernando Henrique Cardoso.

É com a experiência espanhola do PP de Aznar que o PFL espera se orientar na disputa pelo Palácio do Planalto daqui a três anos. “Para ser forte, o PFL precisa se organizar e os dois partidos mais organizados da Europa - o PP espanhol e o CDU da Alemanha - podem nos auxi-

liar nessa tarefa”, explica o presidente do partido, senador Jorg Bornhausen (SC).

Seguindo esse novo caminho, o PFL reafirma a decisão de ter candidato próprio à sucessão do presidente Fernando Henrique. “Não me afasto um milímetro dessa decisão”, fez questão de dizer Bornhausen. O partido já coloca nomes na praça. O senador Antonio Carlos Magalhães (BA), o vice-presidente Marco Maciel, e o governador do Paraná, Jaime Lerner, são prováveis pré-candidatos. O partido se prepara para a campanha trocando experiências com os democratas cristãos. Os pefelistas estão fazendo cursos de telegenia - técnica para melhorar o desempenho no rádio e na televisão - com os espanhóis.

Quanto ao discurso, a ênfase agora é no social. A defesa ardente do imposto para combater a pobreza proposto pelo senador Antonio Carlos é um exemplo claro desta nova fase do PFL. “Continuamos integralmente liberais, mas liberais sociais”, definiu o deputado Vilmar Rocha, presidente do Instituto Tancredo Neves (ITN), órgão de assessoria do partido. A oposição desconfia do novo discurso do PFL. “A crise do liberalismo é tão grande que está obrigando o PFL a se adaptar”, avaliou o líder petista, deputado José Genoíno (SP). “Parece reprise do velho lema da direita: muda sem mudar.”

TACIANA COLLET

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA